

PERCEPÇÕES DOS VÍNCULOS PARENTAIS E INFLUÊNCIA NO VÍNCULO MÃE-FILHO

LUIZA GONÇALVES MATIAS¹; FERNANDA TEIXEIRA COELHO²; CAROLINA COELHO SCHOLL³; RICARDO TAVARES PINHEIRO⁴; LUCIANA DE AVILA QUEVEDO⁵

¹*Universidade Católica de Pelotas – luiza.matias@sou.ucpel.edu.br*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – feteixeiracoelho@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - carolinacscholl@gmail.com*

⁴*Universidade Católica de Pelotas – ricardo.pinheiro@ucpel.edu.br*

⁵*Universidade Católica de Pelotas – luciana.quevedo@ucpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O vínculo mãe-filho refere-se a uma relação corporal, imunológica, perceptiva e afetiva que se inicia na gravidez com sentimentos e/ou expectativas da mãe sobre o bebê e as mudanças físicas, se mantendo após o parto através dos cuidados maternos e da amamentação (BIANCARDI et al., 2023; PICCININI et al., 2004). Um dos processos que se pode destacar na transição para maternidade, é a relação entre as representações das mulheres sobre seus pais, suas relações com seus filhos e a aquisição da identidade materna (FERRARI, 2022; STERN, 1997; WINNICOTT, 2022). Slade (2009) sugere que para se preparar para a maternidade e para relação mãe-filho é necessário que essas mães resolvam e integrem suas identificações e representações de seus cuidadores, para assim repararem seus conflitos internos não resolvidos.

A percepção negativa da relação com os pais pode influenciar no vínculo mãe-filho, sendo demonstrada como ansiedade em relação ao cuidado, rejeição e raiva pela prole ou falta de resposta materna, reforçando o papel da transgeracionalidade no vínculo afetivo (MACDONALD et al., 2018; SHIEH E TSAI, 2022; DELLA VEDOVA et al., 2023). Embora a maioria dos estudos disponíveis incluírem gestantes e/ou puérperas, é importante também entendermos a qualidade desse vínculo em outras faixas etárias da criança. Portanto, o objetivo do presente estudo foi avaliar a relação entre a percepção dos vínculos parentais maternos no vínculo com seus filhos aproximadamente aos 5 anos de idade em mulheres da cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Este é um estudo longitudinal aninhado a um estudo maior que acompanha mulheres e seus bebês desde a gestação na cidade de Pelotas/RS. Inicialmente, foram incluídas mulheres com até 24 semanas gestacionais, residentes em 244 setores censitários sorteados dos 488 que compõem a zona urbana da cidade (IBGE, 2012).

No presente estudo, foram utilizados dados coletados na primeira avaliação, realizada no momento da identificação da gestante, e na sétima avaliação, com as mães e filhos em torno de 5 anos após o parto. As participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas (pareceres 1.174.221 e 5.562.635).

Para avaliar a percepção das mães dos seus vínculos maternos e paternos durante sua infância/adolescência foi utilizado o *Parental Bonding Instrument*. Ele contém 25 itens que avaliam Cuidado ou Falta de cuidado e Superproteção/Controle em escala likert de 0 a 3 pontos. Altos escores na escala

de Cuidado apontam percepções de carinho e proximidade e na escala de Superproteção/Controle, apontam percepções de proteção excessiva, vigilância e infantilização (HAUCK et al., 2006; TEODORO et al., 2010).

Ainda, foi utilizado o Inventário de Percepção de Vinculação Materna, sendo um questionário composto por 26 questões em escala *likert* de 1 a 5 pontos. Pontuações mais altas, indicam melhor percepção de vínculo entre mãe e filho (BOECKEL et al., 2011).

A análise dos dados foi realizada no IBM SPSS 26.0. Na análise univariada, utilizou-se frequências absoluta e relativa, média e desvio-padrão e na análise bivariada, utilizou-se Teste t e ANOVA, com correção de Welch para grupos sem homogeneidade de variâncias. Ainda, considerando que os dados não apresentaram distribuição normal, utilizou-se a técnica de *bootstrapping* (através de 1000 reamostragens e IC 95% BCa) para correção dos desvios de normalidade de distribuição da amostra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliadas 578 mulheres, sendo a média do vínculo mãe-filho de 125,1 pontos ($DP \pm 6,5$; BCa IC95% = 124,6; 125,6). Destas, 33,9% tinham entre 21 e 36 anos, 65,6% tinham 11 anos de estudo ou mais, 57,0% pertenciam à classe socioeconômica C, 85,3% viviam com o companheiro e 52,8% não planejaram a gestação.

Quanto aos vínculos parentais, a prevalência da percepção de falta de cuidado materno e paterno foi de 40,2% e 42,2%, respectivamente, enquanto a percepção de superproteção materna foi de 63,0% e paterna de 60,8% (Tabela 1).

Na análise bivariada, encontrou-se que a média do vínculo mãe-filho foi estatisticamente menor em mulheres com percepção de falta cuidado. Mulheres com percepção de cuidado materno apresentaram média de vínculo mãe-filho de 126,1 pontos ($DP \pm 5,0$; BCa IC95% = 125,6; 126,6) enquanto nas que tinham percepção de falta de cuidado materno, esta média foi de 123,6 pontos ($DP \pm 8,0$; BCa IC95% = 122,6; 126,6) (p de linearidade = 0,001). Além disso, mulheres com percepção de cuidado paterno apresentaram média de vínculo mãe-filho de 126,0 pontos ($DP \pm 5,4$; BCa IC95% = 125,4; 126,6) enquanto nas que tinham percepção de falta de cuidado paterno, esta média foi de 123,7 pontos ($DP \pm 7,6$; BCa IC95% = 122,6; 124,7) (p de linearidade = 0,001). A superproteção materna e paterna não apresentaram associação com o vínculo mãe-filho ($p > 0,05$) (Tabela 1).

Na literatura, encontram-se resultados semelhantes aos achados deste estudo. Em Macdonald (2017) a falta de cuidado paterno foi associada a um vínculo prejudicado da mãe com a criança aos 12 meses após o parto, bem como em Nie (2023) foi demonstrado que quanto menor a percepção de cuidado na infância, menor o vínculo entre mãe e filho aos 3 meses após o parto. Ainda, os estudos de Shieh e TSAI (2023) e Della Vedova (2023) encontram que, aos três meses pós-parto, o cuidado materno estava associado negativamente ao vínculo prejudicado e filhos de mulheres com altas pontuações nas escalas de cuidado materno e paterno conseguiam se comportar livremente em suas interações com a mãe, por se sentirem acolhidos. Assim, as experiências negativas de cuidado anteriores podem ser entendidas como preditoras de vínculo prejudicado entre mãe e filho. No entanto, era esperado que a percepção de superproteção materna e paterna também fosse associada negativamente ao vínculo mãe-filho. Acredita-se que este resultado não tenha sido observado na amostra, devido à noção cultural de que expressões de superproteção seriam na verdade demonstrações de cuidado e carinho, sendo internalizadas como algo positivo.

Tabela 1: Associações entre as percepções de vínculos parentais e o vínculo mãe-filho posterior em mulheres da cidade de Pelotas/RS

	N (%)	M (DP)	Vínculo mãe-filho	
			BCa IC 95%	p-valor
Percepção do Cuidado materno				0,001*
Falta de cuidado	231 (40,2)	123,6 (8,0)	122,6; 126,6	
Cuidado	344 (59,8)	126,1 (5,0)	125,6; 126,6	
Percepção de Proteção materna				0,964
Proteção	213 (37,0)	125,1 (6,8)	124,2; 125,9	
Superproteção	362 (63,0)	125,1 (6,4)	124,4; 125,7	
Percepção do Cuidado paterno				0,001*
Falta de cuidado	223 (42,2)	123,7 (7,6)	122,6; 124,7	
Cuidado	305 (57,8)	126,0 (5,4)	125,4; 126,6	
Percepção de Proteção paterna				0,123
Proteção	207 (39,2)	125,5 (5,3)	124,8; 126,3	
Superproteção	321 (60,8)	124,7 (7,2)	123,9; 125,5	
Total	578 (100,0)	125,1 (6,5)	124,6; 125,6	

DP = desvio-padrão; BCa IC 95% = intervalo de confiança de 95% corrigido pela técnica de *Bootstrapping*.

*p de linearidade

4. CONCLUSÕES

Um vínculo de qualidade é fundamental para o desenvolvimento infantil saudável, sendo constituída a partir desta relação a base psíquica e afetiva da criança, estabelecendo sua forma de se relacionar com o mundo (JABOUR, 2019).

A partir dos resultados apresentados entende-se que a percepção da falta de cuidado é fator de risco para o vínculo mãe-filho, cabendo aos profissionais que acompanham as diádes se attentarem aos fatores psicológicos que influenciam o maternar, para além das psicopatologias. Outras ações importantes seriam o acompanhamento psicológico junto ao pré-natal e a criação e incentivo à participação em grupos de terapêuticos para mães visando trabalhar questões advindas da maternidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCARDI, E; ONGARETTO, F; DE STEFANO, A; SIRACUSANO, A; NIOLU, C. The Mother-Baby Bond; Role of Past and Current Relationships. **Children**, Basileia, v. 10, n. 3, p. 421, 2023.

PICCININI, C. A; GOMES, A. G; MOREIRA, L. E; & LOPES, R. S. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 223 – 232, 2004.

FERRARI, R. DA S. **Maternidade, assombro e elaboração: reflexões psicanalíticas sobre a vivência da maternalidade**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

STERN, D. N. **A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê.** Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

WINNICOTT, D. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Brasil: Ubu Editora, 2022.

SLADE, A; COHEN, L; SADLER, L. S; MILLER, M. The psychology and psychopathology of pregnancy: Reorganization and transformation. In: ZEANAH, JR. C. H. (Ed.) **Handbook of infant mental health.** New York: The Guilford Press, 2009. Cap.4, p. 22 - 39.

MACDONALD, J. A; YOUSSEF, G. J; PHILLIPS, L; SPRY, E; ALWAY, Y; PATTON, G. C; OLSSON, C. A. The parental bonds of adolescent girls and next-generation maternal-infant bonding: findings from the Victorian Intergenerational Health Cohort Study. **Archives of Women's Mental Health**, Austría, v. 21, n. 2, p. 171-180, 2018.

SHIEH, P. L; TSAI, T. Y. The prediction of perceived parenting style on mother-infant bonding. **Acta Psychologica**, Amsterdã, v.226, p. 103573, 2022.

DELLA VEDOVA, A. M; SANTONICCOLO, F; SECHI, C; TROMBETTA, T. Perinatal Depression and Anxiety Symptoms, Parental Bonding and Dyadic Sensitivity in Mother–Baby Interactions at Three Months Post-Partum. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v.20, n.5, p. 4253, 2023.

Instituto Brasileiro de geografia e estatística (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE; 2012.

HAUCK, S; SCHESTATSKY, S; TERRA, L; KNIJNIK, L; SANCHEZ, P; CEITLIN, L. H. F. Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI). **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v.28, p. 162-168, 2006.

TEODORO, M. L. M; BENETTI, S. P. C; SCHWARTZ, C. B; MÔNEGO, B. G. Propriedade psicométricas do Parental Bonding Instrument e associações com o funcionamento familiar. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v.9, n.2, p. 243-251, 2010

BOECKEL, M. G; WAGNER, A; RITTER, R; SOHNE, L; SCHEIN, S; OLIVEIRA, R. G. Análise Fatorial do Inventário Percepção de Vinculação Materna. **Revista Interamericana de Psicología**, Austin, v. 45, n. 3, p. 439-448, 2011.

JABOUR, M. E. DA S. **O impacto da relação mãe-bebê na construção do vínculo afetivo.** 2019. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.